

**FACULDADES SÃO JOSÉ CURSO
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LEANDRO LESSA DE LIMA
CARLOS HILTON CRUZ CARVALHO**

**A RELEVÂNCIA DA FDSERJ PARA A PROMOÇÃO
AO DESPORTO DO ALUNO SURDO**

Rio de Janeiro

2019

**A RELEVÂNCIA DA FDSERJ PARA A PROMOÇÃO AO DESPORTO DO ALUNO
SURDO**

**THE RELEVANCE OF FDSERJ TO THE PROMOTION TO THE SPORT OF THE
DEAF STUDENT**

Leandro Lessa de Lima
Bacharelando em Educação Física
Carlos Hilton Cruz Carvalho
Mestre em Saúde

RESUMO

O presente artigo aborda a necessidade de promover o conhecimento a importância da FDSERJ no desporto e o interesse do profissional de Educação Física sobre o que norteia a comunidade do aluno surdo. O objetivo da pesquisa é descrever a falta de conhecimento, o despreparo do profissional em promover o fundamental trabalho da FDSERJ para o desenvolvimento do desporto ao surdo e a falta de enfoque sobre a comunidade surda durante a sua formação. Desta forma, o referido trabalho se justifica pelo problema observado que a comunidade surda ainda presencia desafios enfrentados para obter acesso ao desporto com profissionais de Educação Física sem qualificação ao uso da língua de sinais, sem interesse a respeito da cultura e desconhecimento da federação, sendo de grande relevância a disseminação da FDSERJ enquanto federação de desporto dos alunos surdos.

Palavras-chave: desporto, FDSERJ, inclusão, LIBRAS.

ABSTRACT

The present article addresses the need to promote the knowledge the importance of FDSERJ in sport and the interest of the Physical Education professional on what guides the community of the deaf student. The objective of the research is to describe the lack of knowledge, the professional's lack of preparation to promote the fundamental work of FDSERJ for the development of deaf sport and the lack of focus on the deaf community during their training. Thus, this work is justified by the observed problem that the deaf community still faces challenges faced to obtain access to the sport with professionals of Physical Education without qualification to the use of the sign language, without interest in the culture and ignorance of the federation, being the dissemination of FDSERJ as a sports federation of deaf students is of great relevance.

Keywords: sport, FDSERJ, inclusion, LIBRAS.

INTRODUÇÃO

A Lei nº 10.436 de 2002 e do Decreto nº 5.626 de 2005 são leis que permeiam a educação nacional da comunidade surda no Brasil ao pleno direito ao desporto dessa comunidade, com destaque, a partir do reconhecimento das mesmas em prol desse cidadão. O decreto infere que a Educação Física e demais ramos do saber devem prestar atendimento de qualidade às pessoas surdas, com profissionais capacitados para o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e/ou para sua tradução e interpretação.

No Brasil, segundo dados do Censo 2010 do IBGE, são 9,7 milhões de pessoas com algum grau de perda auditiva, sendo dois milhões de pessoas com surdez profunda e 95% de surdos que vivem em família de ouvintes¹. O direito ao desporto do surdo no Brasil passou a ter grande destaque a partir do reconhecimento da Lei nº 10.436 de 2002 e do Decreto nº 5.626 de 2005, que amparam as comunidades surdas no País. O Decreto destaca que a Educação deve prestar atendimento de qualidade às pessoas surdas, com profissionais capacitados para o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ou para sua tradução e interpretação.

O presente projeto tem como tema, o reconhecimento da atuação da Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ) pelos profissionais de Educação Física no desenvolvimento do atleta surdo. O problema observado para compor esse pré-projeto de pesquisa ao TCC intitulado “A relevância da FDSERJ para a promoção ao desporto do aluno surdo” se justifica, devido que, a comunidade surda ainda presencia desafios enfrentados para obter acesso ao desporto com profissionais de Educação Física sem qualificação ao uso da língua de sinais e desconhecimento da FDSERJ.

A FDSERJ² foi fundada aos 29 de janeiro de 1959, sendo o primeiro local onde a comunidade surda obtém o primeiro contato ao modelo profissional do desporto com diversas práticas esportivas e, onde, sobrevive ainda – mesmo com avanços da

¹ Roquette Pinto-comunicação educativa. Disponível em:< <http://roquettepinto.org.br/projetos/tv-ines/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

² FDSERJ. Disponível em: <Disponível em:<<http://fdserj.blogspot.com/>>. Acesso:15 mar. 2019.

acessibilidade do surdo – ao anonimato do colegiado na Educação Física. O presente artigo deseja contribuir para que a FDSERJ tenha suas atribuições de valia para desempenhar o verdadeiro papel na educação na prática do desporto, no intuito de promoção do sujeito surdo e da própria emancipação da Federação, levando conhecimento da mesma.

A pesquisa aborda a não promoção da FDSERJ pelos docentes ouvintes no meio da Educação Física em geral, gerando assim um desconhecimento, o que acarreta no despreparo do futuro aluno e atleta surdo. O trabalho é justificado, pelo fato de não haver uma disseminação da FDSERJ enquanto Federação de desporto dos surdos, dentro dos meios específicos de Educação Física em suas ações, deixando pelo desconhecimento essa Federação ainda sem sua devida representatividade no meio esportivo.

O objetivo geral deste trabalho é descrever a falta de conhecimento e despreparo do profissional de Educação Física em promover, incluir a acessibilidade do aluno surdo e transmitir o fundamental trabalho da FDSERJ para o desenvolvimento do desporto. Enquanto os objetivos específicos traçados pela pesquisa são analisar a importância da FDSERJ para o desporto do surdo; verificar se há devido conhecimento do corpo docente da existência da FDSERJ; viabilizar melhor visibilidade ao desporto do surdo através da sua Federação e promover a acessibilidade bilíngue do surdo ao desporto pela Federação.

Todavia, o tema foi escolhido com intento de promover, incentivar, difundir, defender, fomentar a prática do desporto do surdo em todos os níveis através da FDSERJ - citado no artigo três do inciso I do Estatuto da Federação como sua finalidade - pois a mesma é desconhecida em meio dos docentes ouvintes, o que acaba deixando esta instituição de grande importância para o desenvolvimento do desporto do atleta surdo devido ao não reconhecimento.

Para a pesquisa ser desenvolvida, a metodologia utilizada foi descritiva e qualitativa, com fontes bibliográficas e demais aportes teóricos com elaboração Para a elaboração dessa pesquisa foram utilizados referências bibliográficas obtidas através de livros; artigos científicos; Internet; aportes teóricos e dentre outros. Fora elaborado questionário fechado em campo aplicado a professores de Educação Física atuantes, com intuito, de compor gráfico para mostragem do resultado final.

Para essa pesquisa de estudo se constata a necessidade da inserção com qualidade bilíngue do aluno surdo na Educação Física através da FDSERJ. Assim, para melhor compreensão desse trabalho é fundamental o conhecimento prévio de algumas definições de termos. Segundo Carvalho (2013) os define, tais como:

a) *Surdo: Sujeito membro de uma comunidade sociolinguística e que utiliza uma língua visual-espacial e que não se escreve (ágrafa) (p.53);*

b) *Ensurdecido: Sujeito ouvinte que perde parcial ou total a função da audição e utiliza a língua oral falada e escrita. Não nasceu surdo, mas adquiriu perda auditiva, o que não significa ser um Surdo (p.53);*

c) *Língua de Sinais: São línguas ágrafas (não se escrevem) de modalidade visual-espacial, genuínas reconhecidas pela Linguística proveniente das experiências visuais dos sujeitos surdos. Elas independem das línguas orais para subsistirem e cada país possui sua Língua de Sinais (p.25);*

d) *LIBRAS ou LSB: É a língua de sinais reconhecida como status atribuída por lei Federal nº 10.436/2002 da comunidade surda brasileira, onde determina o respeito e a difusão da mesma (p.28 e29);*

e) *Bilinguismo: Atual escola desde 1980, que compreende para o surdo obter o seu aprendizado na sua língua natural ou primeira língua (L1), que é a língua de sinais e com modalidade escrita (instrumental) da língua oral do país de origem como segunda língua (L2) (p.22).*

1.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Diversidade sim, deficiência não: a ideologização clínica imposta ao sujeito surdo com a negação a língua de sinais

A história do surdo sempre foi marcada pela ideologização de uma sociedade de maioria ouvinte. Na visão clínica terapêutica a perda auditiva é considerada uma “deficiência” quando se comparada com a comunidade ouvinte, pois tal perda colocaria o indivíduo surdo em desvantagem no convívio em sociedade de maioria ouvinte, negando sua sua identidade e comunidade surda e normatizando este ao ouvinte como modelo de ser humano normal.

Decorrem daí os esforços no sentido de “normalização”, ou seja, no caso do surdo, torná-lo um “ouvinte”, ou compensar seu déficit através de um treino sistemático da audição, da fala, da leitura labial, do uso de próteses, de implantes, de cirurgias, de audiometrias, de exercícios respiratórios etc. (LULKIN, 1998, apud ALPENDRE, et al, 2008, p. 2)

Tal visão provida de ideologia errônea atribuindo a seres sendo possuidores do que atribuíram ser uma deficiência, vai contra as novas pesquisas socioantropológicas sobre a diversidade funcional (PEREIRA, 2009).³, o que faz sentido a perda auditiva numa visão clínica imposta pela sociedade de maioria ouvinte, devido aos preconceitos históricos já pré-estabelecidos, como também, a falta de profissionais especializados e preparados para desconstruir e instruir esse aluno que não possui uma deficiência⁴. Em nome do termo pejorativo, a História relata uma das mais tristes experiências em torno dos vários sujeitos.

Na antiguidade e entre os povos primitivos, o tratamento destinado às pessoas portadores de deficiência assumiu dois aspectos distintos: extermínio, por serem consideradas grave empecilho a sobrevivência do grupo, já que não podiam cooperar nos afazeres diários; proteção e sustento, para ganhar a simpatia dos deuses, por gratidão, em reconhecimento ao esforço daqueles que se multilavam na guerra. (HONORA, 2008, p.11 e 12)

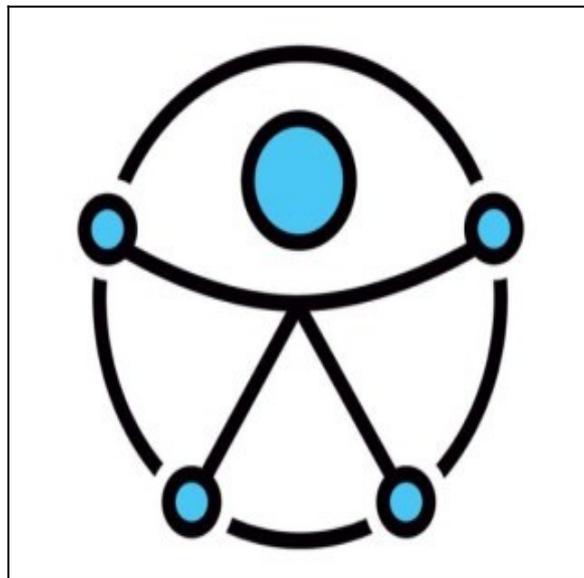
Segundo Gervásio (2018), as novas pesquisas em relação ao sujeito e

³ Diversidade funcional (CARVALHO, 2013) é o novo termo que traz uma visão psíquico-linguística-social em substituição do termo usual e clínico de deficiente, pois ele carrega uma historicidade negativa para a constituição do sujeito. Diversidade funcional deseja salientar que não há deficiência e sim ponto de vista interpretativo sobre o que seja dito normal ou anormal. Por isso, diversidade funcional retrata as maneiras diversas de construção do sujeito enquanto especificidade, no que tange, características físicas ou sensoriais. Os atletas paraolímpicos comprovam essa veracidade em seus corpos.

⁴ Termo usado para definir a ausência ou a disfunção de uma estrutura psíquica, fisiológica ou anatômica. Disponível em:< <https://pt.wikipedia.org/wiki/Defici%C3%Aancia>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

diversidade vem auxiliar para desconstrução do termo deficiência. Em 2015, a ONU lança o novo símbolo de acessibilidade batizado de A Acessibilidade⁵ (FIGURA 1) desconstrói a ideia do ser humano na cadeira de rodas, bengala, orelha etc., mas, sem tipificar estereótipos, o símbolo teve a proposta de ser neutro, sendo uma figura simétrica conectada por quatro pontos a um círculo, representando a harmonia entre o ser humano e a sociedade e simbolizando inclusão de pessoas com todas as habilidades.

Figura 1: Novo símbolo de acessibilidade.



Fonte: Reflexões sobre rodas, 2017.

1.2 Língua de sinais: linguagem e cognição para o processo de desenvolvimento do surdo como sujeito pensante

O indivíduo surdo quando não exposto a língua de sinais o mais cedo possível, irá causar e acarretar limitações cógicas irreversíveis, devido, ao não acesso à linguagem. O indivíduo ouvinte possui desde o seu nascimento o contato com a

⁵Disponível em:<<https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/onu-cria-novo-simbolo-para-acessibilidade/>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

língua oral, fazendo com o mesmo tenha interações sociais e relações interpessoais naturalmente. Assim partimos do pressuposto que o indivíduo surdo deve ser inserido ao meio de seus iguais, surdos fluentes em LIBRAS, o mais cedo possível, para que ocorra o mesmo processo com o surdo.

A partir da aquisição de uma língua, a criança passa a construir sua subjetividade, pois ela terá recursos para sua inserção no processo dialógico de sua comunidade, trocando idéias, sentimentos, compreendendo o que se passa em seu meio e adquirindo, então, novas concepções de mundo. (DIZEU, 2005, p.587).

O fato do indivíduo surdo ser exposto apenas a comunidade ouvinte o faz não se emponderar da sua identidade e, sobretudo do desenvolvimento congênito da linguagem. Assim, ele mesmo deixa de construir sua própria realidade de ser inserido na cultura, nos costumes de uma comunidade a qual o mesmo se identifique, para que seja criada suas características e desenvolver seu comportamento, através do convívio em uma comunidade não só de ouvintes.

Sacks (2005) em sua pesquisa retrata seu contato com um menino de 11 anos que ingressou na escola pela primeira vez e antes do seu quarto ano de vida não faziam ideia do que o mesmo tinha, o dando diversos diagnósticos errôneos, quando finalmente o diagnosticaram como surdo, o menino foi denominado erroneamente como “surdo mudo”, o julgando como retardado, com isso não houve um incentivo para a aprendizagem de nenhuma língua, assim o privando da comunicação, do convívio social que o assombrava até então.

Quando o sujeito surdo é levado a conviver apenas com uma comunidade ouvinte, sem contato com outros surdos, sua surdez tende a ser ocultada e depreciada. O estigma de deficiente agrava-se a cada dificuldade que essa pessoa irá encontrar para se igualar com o ouvinte. É importante que o surdo se mantenha integrado em sua comunidade, se relacione com seus pares, sem se isolar da comunidade majoritária. (DIZEU, 2005, p.593)

O termo mudez⁶ erroneamente associado ao surdo foi criado por Aristóteles, pois para o filósofo as palavras deveriam ser oralizadas (VELOSO, 2009). Ele agregou a ideia da comunicação perfeita e eficaz ao uso do ato da fala oral verbalizada. Tal

⁶ Entende-se ser a ausência das pregas vocais (cordas vocais), o que é inexistente devido a esse pequeno órgão ser raríssimo na literatura fisiológica em não se desenvolver. O termo “mudo” foi associada ao uso de uma língua oral e não a ausência de uma prega vocal.

visão é equivocada, mas, que trouxe consequências históricas depreciativas referenciando o surdo ao termo mudez (ausência da prega vocal)⁷, ausência que o mesmo não possui. Esse pensamento foi desconstruído, logo após, por Sócrates ao afirmar que a condição natural para a comunicação se ajusta a realidade do pensante, ou seja, do próprio agente que se comunica.

1.2 O surdo no decorrer da história mundial e no Brasil: dos métodos educacionais ultrapassados até a promoção do bilinguismo

A partir do século XVI se deu início a luta pela educação dos surdos, que até então eram considerados incapazes de serem educados, devido a concepção grave de que os mesmos não possuíam pensamento. Até o século XV os surdos eram considerados ineducáveis, porém com a mudança dessa visão ocorrendo na Europa, essa concepção foi sendo lentamente esquecida (VELOSO, 2009).

O abade Charles-Michel de L'Épée considerado o “Pai dos Surdos” ,pois desenvolveu o método gestualista para educação de surdos pelos sinais metódicos, defendia o uso da língua de sinais em detrimento do oralismo no ensino do indivíduo surdo, iniciado na Alemanha. Observando muitos surdos jogados nas ruas de Paris, L'Épée aprendeu a língua de sinais francesa (LSF) a fim de se comunicar e ensinar os indivíduos surdos (CARVALHO, 2013).

Esta luta foi marada pela atuação de um surdo francês, chamado Eduart Huet, que a convite do imperador D. Pedro II veio ao Brasil para fundar a primeira escola para surdos, chamada na época de Imperial Instituto de Surdos Mudos, mas, com o avançar dos estudos sobre o indivíduo surdo o termo “surdo-mudo” deixou de ser utilizado, por se tratar de um termo errôneo e, a escola sendo um centro de referência da educação dos surdos do Brasil passou a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

O INES foi fundado há 152 anos e a presença de narrativas ligadas à

⁷ As pregas vocais, anteriormente denominadas de cordas vocais, são as responsáveis pela emissão de sons nos seres humanos e em algumas espécies de animais, como o cachorro. Essas estruturas, localizadas na laringe, vibram em virtude da pressão do ar vinda do pulmão, o que gera a produção de sons, que são modificados de acordo com a articulação feita pela boca e amplificados graças à chamada caixa de ressonância, que é formada pela laringe, faringe, boca e nariz. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/pregas-vocais.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

memória faz parte da cultura institucional. A marca de sua longa história é muito forte na instituição, embora, contraditoriamente, a atenção com a memória oral seja mais relevante do que com a memória escrita. Muito se perdeu de fontes documentais matérias, por diversas razões que não cabem aqui serem discutidas (ROCHA, 2010, p.33).

Apesar dos avanços abade Charles-Michel de L'Épée o surdo passou por diversas barreiras impostas ao não uso da língua de sinais, barreiras estas que acarretaram em retrocessos drástico para seu desenvolvimento linguístico. Após o primeiro Congresso Internacional de surdos (1878) em Paris, foi definido que a melhor forma de se educar o indivíduo surdo era através de leitura labial e gestos.

Entretanto, no segundo Congresso Mundial de surdos (1880) em Milão, por votação se definiu que a melhor forma de se educar o indivíduo Surdo seria através do métodos oral ou oralismo. Assim, as línguas de sinais foram proibidas na Europa e nos demais países, como meio para educar o surdo por maios de um século.

[...] Jean-Marc Itard (1775-1838), passaram a questionar a origem da surdez, fazendo experiências que torturavam as PS's, inclusive levando uma delas a óbito. Nos Estados Unidos, o acesso das PS's á educação escolar foi mais difícil, uma vez que a metodologia de comunicação em sinais não chagara até os professores americanos. (SCHLUNZEN, BENEDETTO e SANTOS, 2012, p.51)

Posteriormente a proibição da língua de sinais no século XX, e com estudos que comprovaram que oralismo só gerou analfabetismo e letramento ao sujeito surdo foi defendido um novo método a ser utilizado com prática da língua de sinais e língua oral pela leitura labial ao mesmo tempo, que foi denominado de método bimodal ou método bimodalista. Tal método mesmo trazendo o uso da língua de sinais não satisfez ao sujeito surdo que ainda não reconhecia o pleno uso da sua língua de sinais.

Para Sacks (1998) indivíduo surdo em sua fase inicial de aprendizagem sofre de dois problemas, pois primeiro são pouco expostos a língua de sinais ao que ele denomina como aprendizagem "incidental", termo esse, utilizado para aprendizagem em conversas, meios de comunicação digital, etc. E. segundo, que se perde muito tempo os ensinando a terapias orais, assim não se dedicando o suficiente em transmitir informações culturais, conhecimentos gerais, etc., que só é possível pelo uso da sua língua materna, a língua de sinais.

A linguagem desempenha um papel fundamental no processo de interação de

absorção do conhecimento em sala de aula, pois se busca através do domínio da língua de sinais a inclusão necessária para se executar os métodos de educativos, com isso esse mecanismo natural do uso da língua de sinais se torna indispensável na comunicação entre professor e aluno surdo.

Foi comprovada a incapacidade da escola para educar o surdo nos moldes convencionais, devido a sua vocação para a permanência dos processos pedagógicos, sendo constatado que a Libras é o recurso inicial necessário para a verdadeira emancipação dos surdos e sua inclusão tanto escolar quanto social (CARVALHO, 2013, p.33)

Desde 1980 até os dias atuais por meio das pesquisas da linguística se utiliza a língua materna ou primeira língua (L1): língua de sinais, como principal método denominado de bilinguismo ou método bilíngue. Carmo (2016), aponta que a educação bilíngue não deve partir do ponto em que haja apenas a integração do indivíduo surdo na comunidade ouvinte, mas também os ouvintes estejam integrados na realidade da comunidade surda, assim facilitando a troca de conhecimento, desenvolvendo a comunicação, a deixando mais precisa e ágil, com isso a tornando mais natural.

No Brasil, a educação bilíngue dos surdos obteve grandes avanços com a promulgação das leis denominadas de “Leis do surdo” que regem a comunidade surda brasileira. A Lei de LIBRAS nº 10.436 de 24/04/2002; o Decreto de LIBRAS nº 5.626 de 22/12/2005 e a lei do tradutor e intérprete de LIBRAS, Lei nº 12.319 de 01/09/2010 garantem a total valorização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e os direitos de acessibilidade bilíngue do cidadão surdo.

Na lei da LIBRAS (2002), no seu artigo 1º é citado que “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e outros recursos de expressão a ela associados.” Contudo foi através do decreto de LIBRAS (2005) que a LIBRAS foi inserida no currículo para a formação superior dando prioridade aos cursos de licenciatura. O decreto determina que:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-a em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

1.3 Identidade, cultura, comunidade e educação bilíngue: os avanços para estabelecer a política bilíngue

A identidade surda é norteadada por características culturais baseadas em experiências visuais, o indivíduo que assume sua identidade surda se comunica apenas por língua de sinais. Em meio a comunidade surda os indivíduos que a pertencem compartilham das mesmas dificuldades, em encontram um ambiente no qual se sintam pertencentes, pois até o ouvintes que participam de comunidades surdas se comunicam apenas com a LIBRAS.

(...) nem estamos pretendendo incentivar a criação de grupos à parte, de minorias alheias à sociedade majoritária. Pretendemos, sim, que sejam reconhecidas as variadas “especificidades culturais”, manifestadas na língua, nos hábitos, nos modos de socialização e de funcionamento cognitivo que dão origem a uma cultura diferente (...). O objetivo de considerar, no estudo da problemática do surdo, a questão cultural não é o de incentivar a criação de grupos minoritários à margem da sociedade, mas justamente o contrário, ou seja, o de considerar a diferenciação lingüística como necessária para possibilitar o desenvolvimento normal da cognição, da subjetividade, da expressividade e da cidadania da pessoa surda. (SÁ, 1999, apud BERGAMO, et al, 2005, p. 575)

Segundo Pereira citado por Lima e Conceição (2015) a língua de sinais é o principal meio de interação social para a maioria das pessoas surdas é por esta mesma e única língua, que o surdo terá todo o acesso ao conhecimento do mundo em geral. Portanto é de suma importância que o indivíduo surdo se sinta pertencente ao meio onde se vive, e, por isso poder se comunicar livremente através da LIBRAS o torna parte do meio.

Está claro, com base nas descrições fenomenológicas, que a experiência da língua pode alterar flagrantemente o desenvolvimento cerebral e que se ela for muito deficiente ou de alguma outra forma anômala, pode, atrasar a maturação do cérebro, impedindo o desenvolvimento adequado do hemisfério esquerdo efetivamente restringindo-a pessoa a um tipo de linguagem dependente do hemisfério direito. (SACKS, 1998, p.50)

Contudo, a comunidade surda, através dos avanços dos seus estudos socioantropológicos, definiu sua identidade visual através da criação do símbolo Acessível em LIBRAS (FIGURA 2) demonstrando um sujeito usuário de um língua de sinais, cultura e identidade; fato que se opõe ao antigo Símbolo da Surdez (FIGURA

3), que pejorativa a ideia clínica do surdo com ilustração da orelha tarjada, indicando interpretações, tais como o surdo visto apenas como uma orelha ou é proibido surdo (GERVASIO,2018).

Figura 2: Símbolo de Acessível em LIBRAS. Figura 3: Símbolo internacional da Surdez.



Fonte: UFMG, 2013.



Fonte: APADAF, 2018.

Skilar (1998, apud Amanda, et al, 2011) salienta que o ensino bilíngue por meio da escola bilíngue para surdos é o que provém o respeito ao indivíduo surdo em primazia, em referência aos conhecimentos sociais e culturais dentro de uma linguagem onde o mesmo se identifique. Pois o indivíduo surdo não deve se adequar a realidade do ouvinte e sim aceitar de sua real condição de surdez, assim criando sua identidade e suas características.

O autor também trás a reflexão de que só através do ensino bilíngue o indivíduo surdo garante que seu cuidado nos processos de desenvolvimento sejam preservados, gerando a oportunidade de acesso a duas línguas para as crianças e o reconhecer que a educação está inserida no meio social e político. O professor de Educação Física necessita estar presente nesse universo visual do surdo.

[...] todos os mecanismos de processamento da informação e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual. Nesse sentido, a língua de sinais não deve ser encarada pelo professor como um instrumento de trabalho, mas sim, como

parte da cultura da comunidade surda, sendo sua língua oficial e passando isso para seus alunos.(SKLIAR, 1998, p.46)

Todavia, Carmo (2016), diz que a linguagem é um fator primordial para o desenvolvimento cognitivo e para criação de ideia de mundo, justificando que a língua está diretamente associada a cultura, ao convívio social, ao desenvolvimento do indivíduo como parte de uma comunidade, o que é de extrema importância no processo de ensino-aprendizagem do sujeito surdo que vivencia uma língua de sinais nos seus pares linguísticos dentro da comunidade surda.

1.4 A Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) e Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ): história e relevância para a promoção do esporte do surdoatleta

1.4.1 A Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS)

Segundo fonte do site da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), ela foi fundada em 17 de novembro de 1984. Mas, sua história começa na década de 50, com o intenso movimento de criação de associações de surdos. No início, as associações funcionavam como espaços de recreação e lazer, mas com o passar do tempo passaram a ser importantes pontos de articulação política e de prática desportiva.

A confederação tem registro de aproximadamente, dois mil surdoatletas desde 2009. Porém, a falta de patrocínios das grandes empresas como ocorre com jogos olímpicos e paraolímpicos ainda é a maior dificuldade para manter as competições e treinamentos, devido que,, a maioria dos surdoatletas pagam as despesas com seus recursos próprios ou de doações.

A CBDS vem durante esses anos desenvolvendo ações concretas para a promoção do surdoatleta, como de destaque teve como evento nacional, a realização da I Olimpíada de Surdos do Brasil, em maio de 2002, no mandato de José Tadeu Rocha, realizada na cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul e, que contou com a participação de cerca de 1.500 surdoatletas, de nove Estados brasileiros. A I Surdolimpíadas nacional emocionou muitas pessoas presentes com delegações, hasteamento das bandeiras e Hino Nacional em LIBRAS que marcaram a abertura dos jogos.

As competições contaram com esportes individuais nas modalidades de atletismo, ciclismo, natação, tênis de mesa e quadra, xadrez e halterofilismo. Nos esportes coletivos a olimpíada contou com competições de basquete, futebol de salão, handebol, vôlei de quadra e praia, todas elas disputadas tanto pela categoria feminina quanto masculina.

Nos eventos internacionais, a CBDS promoveu no Brasil dois eventos esportivos internacionais importantes, o 5º Jogos Pan-Americanos de Surdos e o 1º Jogos Desportivos de Sul-Americano de Surdos (FIGURA 4). A quinta edição dos Jogos Pan-Americanos de Surdos foi realizada em Praia Grande, no litoral sul de São Paulo, nos dias 12 a 24 de junho de 2012.

Figura4: 5º Jogos Pan-Americanos de Surdos e o 1º Jogos Desportivos de Sul-Americano de Surdos



Fonte: CBDS, 2019.

A competição reuniu esportistas surdos de 10 países de toda a América e foram disputadas sete modalidades: futebol de campo, futsal, basquete, vôlei, atletismo, natação e ciclismo. O Brasil conquistou 27 medalhas, sendo 7 ouros, 8 pratas e 12

bronzes, ocupando a 5ª colocação no quadro de medalhas. Os campeões de cada esporte garantiram vaga para a Surdolimpíadas realizada em 2013, na capital da Bulgária, Sofia. Os surdoatletas brasileiros que subiram ao pódio neste evento, posteriormente receberam a Bolsa Atleta do Ministério de Esporte.

A campanha da CBDS foi considerada a melhor da história do Brasil na competição. Por ser sede, o País deve a delegação com 120 atletas. Além de Brasil, também tiveram delegações da Argentina, Canadá, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos, Guatemala, México, Peru e Venezuela. No total, foram mais de 500 atletas competindo.

O Brasil sediou também pela CBDS, o 1º Jogos Desportivos Sul-Americano de Surdos – Caxias do Sul – Rio Grande do Sul (FIGURA 5), a primeira edição de Jogos Desportivos Sul-Americano de Surdos, ou seja, nunca foi realizada nenhuma edição em nível sul-americano antes. Esse evento foi realizado em Caxias do Sul, RS, nos dias 15 a 23 de novembro de 2014.

Figura 5: 1º Jogos Desportivos Sul-Americano de Surdos – Caxias do Sul – Rio Grande do Sul



Fonte: Fonte: CBDS, 2019.

A competição reuniu esportistas surdos de 7 países sul americanos, além do Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Venezuela e Uruguai. E, foram disputadas com sete modalidades: futebol de campo, futsal, basquete, vôlei, handebol,

atletismo, ciclismo, badminton, natação, tênis, tênis de mesa, vôlei de praia, judô, karatê e xadrez. No total, foram quase de 700 atletas competindo. Foram 170 pessoas na delegação brasileira. O Brasil conquistou 51 medalhas, sendo 24 ouros, 11 pratas e 16 bronzes, ocupando a 1ª colocação no quadro de medalhas.

Além dos vários campeonatos regionais e nacionais que acontecem todos os anos, a CBDS faz história nos campeonatos internacionais. As equipes e surdoatletas brasileiros detêm os títulos de: bi-campeão sul-americano de futebol de campo masculino (1989 e 1995), tri-campeão sul-americano de voleibol feminino (1987, 1991 e 1995), bi-campeão sul-americano de tênis de mesa (1988 e 1992) e campeão sul-americano de atletismo (1992). Boa parte dessas vitórias foi conquistada nos mandatos de Mario Júlio Pimentel, um dos grandes responsáveis pela consolidação da entidade no meio desportivo.

Nas gestões mais recentes a CBDS teve as seguintes conquistas internacionais com os surdoatletas:

- ✓ *2009: Deaflympics 2009 em Taipei, Taiwan – 1ª Medalha Surdolímpica (bronze de Judô)*
- ✓ *2011: Campeonato Mundial de Natação em Lisboa, Portugal – 3 medalhas*
- ✓ *2012: 5º Jogos Pan-Americanos de Surdos em Praia Grande/SP – 26 medalhas – 5º lugar*
- ✓ *2012: Campeonato Mundial de Artes Marciais em Ilhas de Margarita, Venezuela – 12 medalhas (Judô e Karatê)*
- ✓ *2013: Deaflympics 2013 em Sofia, Bulgária – 4 medalhas (1 prata e 3 bronze) – Natação e Karatê*
- ✓ *2013: Campeonato Sul-americano de Futsal (Feminino) em Santiago, Chile – Campeão*
- ✓ *2014: 1º Jogos Sul-americanos Desportivo de Surdos em Caxias do Sul/RS – 51 medalhas*
- ✓ *2015: Campeonato Mundial de Natação de Surdos em Texas – EUA – 3 medalhas*
- ✓ *2015: Copa do Mundo de Futsal de Surdos em Bangkok – Tailândia – Vice-Campeão*

- ✓ *2016: Campeonato Mundial de Atletismo (maratona) em Sofia – Bulgária – 1 Medalha (prata)*
- ✓ *2016: Campeonato Pan-Americano de Vôlei de Surdos em Washington – EUA – Medalha de Ouro (masculino) e Prata (feminino)*
- ✓ *2016: Campeonato Mundial de Artes Marciais em Samsun – Turquia – Medalhas de Ouro e Bronze no Judô*

A Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) também está filiada ao Comitê Internacional de Desportos de Surdos; Comitê Pan Americano de Surdos; Organização Européia Esportiva de Surdos e Confederação Asiática Esportiva de Surdos.

Em 2019, a 2ª Surdolimpíadas no Brasil ocorreu nos dias 20/06/2019 a 23/06/2019 em Pará de Minas (MG) município próximo a Belo Horizonte. A CBDS organizou o evento, juntamente com a Associação dos Surdos de Pará de Minas (ASPAM) e Federação Mineira Desportiva dos Surdos (FMDS), e contou com patrocínio do Ministério do Esporte. As equipes e seus surdoatletas foram representados pelas suas Federações Estaduais/Distrital. As modalidades das surdolimpíadas de 2019 foram: atletismo, badminton, basquete, futebol, handebol, judô, karatê, natação, tênis de mesa, vôlei, vôlei de praia e xadrez.

Figura 6: 2ª Surdolimpíadas no Brasil.



Fonte: Observatório do esporte, 2019.

Entretanto, a CBDS, ao longo de mais de 32 anos de existência, contribuiu e continuará contribuindo com a inclusão social das pessoas surdas através do esporte. A melhoria crescente dos resultados dos surdoatletas nas competições internacionais e maior visibilidade na mídia, têm surgido empresas patrocinadoras, porém, ainda é insuficiente para bom desenvolvimento das práticas desportivas e outras atividades da CBDS. A relevância da promoção ao desporto pela Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ) junto com a CBDS para é para incentivando o surdoatletas para competições nas suas Surdolimpíadas.

1.4.2 Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ)

De acordo com fonte do site da Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro, (também, denominada neste Estatuto pela sigla FDSERJ) foi fundada aos 29 de janeiro de 1959, com intuito de exercer suas funções e atribuições por prazo indeterminado; entidade estadual da administração do desporto de surdos no Estado do Rio de Janeiro. A FDSERJ é dirigida por um presidente e vice-Presidente, conforme estipulado no Estatuto e demais normas internas da Federação.



Fonte: CBDS, 2019.

A FDSERJ é filiada à Entidade Nacional da Administração do Desporto de Surdos no Brasil pela Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos (CBDS), e por também, ainda, por esta reconhecida como a única entidade estadual responsável pela organização da prática e gestão da modalidade no território do Estado do Rio de Janeiro para a promoção do esporte dos surdoatletas. A FDSERJ é organizada através de filiadas, entidades de prática do desporto e associações de fins não econômicos voltadas precipuamente para o atendimento aos surdos e, todas, estabelecidas no âmbito territorial do Estado do Rio de Janeiro.

Assim como na CBDS, a FDSERJ não tem apoio de grandes empresas e seus surdoatletas custeiam com sacrifício suas próprias modalidades esportivas, recebem doações e, quanto também solicita apoio para a própria publicidade da Federação.

O surdoatleta surfista Arlindo Mandela Mesquita (FIGURA 8) membro da Federação de Surfe do Estado do Rio de Janeiro (FESERJ), recordistas de várias medalhas e títulos no surfe do estado do Rio de Janeiro é um exemplo de surdoatleta talentoso, mas, que foi estacionado na prática esportiva, devido, a falta de verbas a sua modalidade. Segundo o esportista, os Governos e Secretarias de Esportes não valorizam as variadas categorias de esportes que surdoatletas praticam, gerando assim, desigualdades entre elas, pois contemplam apenas umas e outras não. O surdoatleta fez foto publicitária para manifestar seu em repúdio a falta de patrocínio aos surdoatletas surfistas. Lamentavelmente, essa é a realidade de muitos

surdoatletas que almejam uma carreira promissora, mas não tem apoio dos Governos.

Figura 8: O surfista surdoatleta em manifestação a falta de verbas ao surdoatletas surfistas.



Fonte: Arlindo, 2019.

As filiadas no estado do Rio de Janeiro a FDSERJ são:

- ✓ AACS – ASSOCIAÇÃO ALVORADA CONGREGADORA DE SURDOS
- ✓ AXAS – ASSOCIAÇÃO XANDER DE APOIO AOS SURDOS
- ✓ ASURJ – ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DO RIO DE JANEIRO
- ✓ APES – ASSOCIAÇÃO PETROPOLITANA DOS SURDOS
- ✓ ASURLAGOS – ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DA REGIÃO DOS LAGOS

Em seu Estatuto, no Artigo 3º, a FDSERJ promove diversas ações tais como em destaque: gerir, administrar, dirigir, controlar, fiscalizar, difundir, incentivar, defender, promover e fomentar, em todo o território do Estado do Rio de Janeiro, a prática do Desporto de Surdos em todos os níveis, em especial o alto rendimento; representar o Desporto de Surdos do Estado do Rio de Janeiro para todos os fins perante toda pessoa, física e/ou jurídica, de direito público (interno e/ou externo) e/ou privado, em todo território Nacional; representar o Desporto de Surdos do Estado do Rio de Janeiro em competições no Brasil e/ou no exterior, oficiais ou não, organizando seleção de atletas e dirigentes; promover, por si ou por terceiros autorizados, quaisquer competições do Desporto em Geral no território do Estado do

Rio de Janeiro dentre, tais como são promovidas pelo no estado ou apoiando campeonatos nacionais, tais como: futebol; futsal; vôlei; handebol; tênis de mesa e demais (FIGURAS: 9, 10 e 11).

Figura 9: Competições promovidas pela FDSERJ.



Fonte: CBDS, 2019.

Figura 10: Competições promovidas pela FDSERJ.



Fonte: CBDS, 2019.

Figura 11: Competições promovidas pela FDSERJ.



Fonte: CBDS, 2019.

Em entrevista a *Brissonau Ambiental*⁸ em 26 de setembro de 2016, Alexandre Silva então presidente da Federação Desportiva de Surdo do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ), em conversa com a apresentadora surda Aline Angel explicou sobre a importância da FDSERJ para estimular e apoiar a prática desportiva dos surdos, sendo vital a oferta do esporte para a saúde dessa comunidade. Mas sobretudo, em deixar a marca da identidade surda como surdoatleta em suas programações de treinos de futebol, vôlei, handebol, tênis de mesa e demais.

Alexandre destacou ainda as diferenças entre parolimpíadas e surdolimpíada, devido, que as parolimpíadas não faz concomitância com as regras características da identidade surda que é visual, mas, tendo o surdo condições físicas igual a dos ouvintes, pois, o surdo apenas necessita de esportes ajustados de maneira visual como é o caso da arbitragem, o que, nas parolimpíadas não ocorre devido as características físicas dos seus atletas, tais como quadra reduzida, rede mais baixa etc. Assim, cabe a sociedade entender as características de cada uma das competições e suas especificidades para o surdoatleta que a surdolimpíada disponibiliza e incentivar o esporte na comunidade surda.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para essa pesquisa ser elaborada, a metodologia possui caráter descritiva e qualitativa usando referências de coleta de dados numa proposta experimental de estudo de caso. Foram utilizadas referências bibliográficas obtidas através de livros; artigos científicos; Internet; aportes teóricos e dentre outros.

Para obter o levantamento dos resultados e confecção dos gráficos foi elaborado questionário fechadas com quatro perguntas objetivas que foram distribuídas para vinte (n=20) professores de Educação Física de variados seguimentos de ensino para obtenção de dados percentuais finais.

⁸ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=JMvf58_7nKI>. Acesso em: 22 jun. 2019.

O questionário foi composto pelas seguintes perguntas:

- ✓ 1-Sabe o que é a FDSERJ e o trabalho que exerce?
- ✓ 2-O surdo é um deficiente?
- ✓ 3-Exerceu alguma atividade com atleta surdo?
- ✓ 4-Teve contato com a LIBRAS?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente artigo propõe que haja uma discussão científica por meios dos dados levantados a respeito da educação inclusiva bilingue do indivíduo surdo e o reconhecimento de sua comunidade, costume e, sobretudo identidade linguística, pois, só ofertando com maior ênfase o processo de capacitação do professor de Educação Física ouvinte em incentivar o desenvolvimento de possíveis surdoatletas é que será nítido maior acessibilidade do surdo ao desporto, cumprindo assim, a função de uma Educação Física bilíngue e, dando maior promoção para a comunidade surda junto a sua Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ). Krug (2002, p.5) cita que:

Destacamos que a Educação Física, enquanto área de atuação junto ao ser humano, deve ser flexível a ponto de atender a todos. Neste sentido, creditamos que não é a Educação Física que muda, quando atua com um ou outro indivíduo, mas, sim, a postura do profissional, que mesmo em tese, deve estar preparado para atuar junto a todas as pessoas [...].

Através dos estudos realizados a respeito da língua de sinais nota-se que ela ainda se faz desconsiderada pelos profissionais de ensino e dentre eles os da Educação Física, como referencia Silva e Silva (2016), desde que esses profissionais ainda não conhecem nem quem seja a pessoas do sujeito surdo quanto reconhecimento linguístico (GRÁFICO 1), o que dirá, as demandas para sua inclusão bilíngue educacional como surdoatleta. E, quando têm algum conhecimento em LIBRAS, os profissionais não se veem ainda qualificados de maneira a atender às necessidades educacionais do aluno surdo (Pires, 2005 et al. Costa, 2017).

Gráfico - 1: Resultado da pergunta 2.



Fonte: O autor, 2019.

Após análise dos dados obtidos com a pesquisa realizada com professores de Educação Física, é possível observar a falta de conhecimento ao que se diz respeito a pessoa do surdo feita pela pergunta 2: O surdo é um deficiente? (GRÁFICO 1), onde 55% dos professores entrevistados acreditam que o indivíduo surdo possui uma deficiência, fato que é comprovado não ser verídico pelos estudos sócioantropológicos e linguísticos, onde a comunidade surda se empondera pelo uso da LIBRAS como um povo, raça, tribo e clã; em comparação aos 45% que negaram essa atribuição. A não visibilidade do surdo pelo professor de Educação Física quanto pertencimento de uma comunidade de minoria linguística ainda é motivo da escassez de surdoatletas ainda no país.

Considerar as opiniões dos alunos é fundamental para a prática pedagógica do professor em sala de aula, pois estes como sujeitos do processo de ensino-aprendizagem devem avaliar o aprendizado adquirido, exporem se ele tem sido eficaz e significativo para sua vida e, caso contrário trazerem sugestões que possam contribuir para melhoria e qualidade do ensino. (ALVES, 2014, p.202)

É necessário ao docente de Educação Física introspectar o conceito de ser surdo como construção social dentro de uma comunidade que usa a LIBRAS o que referencia a pergunta 4: Teve contato com a LIBRAS? (GRÁFICO 2) e, não manter a visibilidade clinalizada como uma pessoa portadora de deficiência. É de suma importância reconhecê-lo pelo viés linguístico e comunitário, pois é somente através da língua de sinais que o indivíduo surdo pode se expressar e ter autonomia no esporte para então, se tornar um sudoatleta potencializado.

Gráfico - 2: Resultado da pergunta 4.



Fonte: O autor, 2019.

Na pergunta 4: Teve contato com a LIBRAS? (GRÁFICO 2), Apenas 45% dos entrevistados afirmaram que tiveram contato com a LIBRAS, que consequentemente desenvolveria o esporte no aluno surdo com aptidão. Contudo, surgem mediante isso os seguintes questionamentos reflexivos, tais como: Seria falta de interesse do professor de Educação Física em ter contato com LIBRAS? ou, devido, a simples falta de instrução, qualificação e incentivo durante sua trajetória acadêmica para o contato com LIBRAS? Alves et al. (2014) cita que:

A Educação Física, enquanto disciplina escolar deve estar desvinculada dos aspectos de rendimento esportivo, técnica pela técnica, exclusão dos menos habilidosos e qualquer outra prática excludente, devendo a mesma tratar da formação integral dos seres humanos envolvidos.(p196)

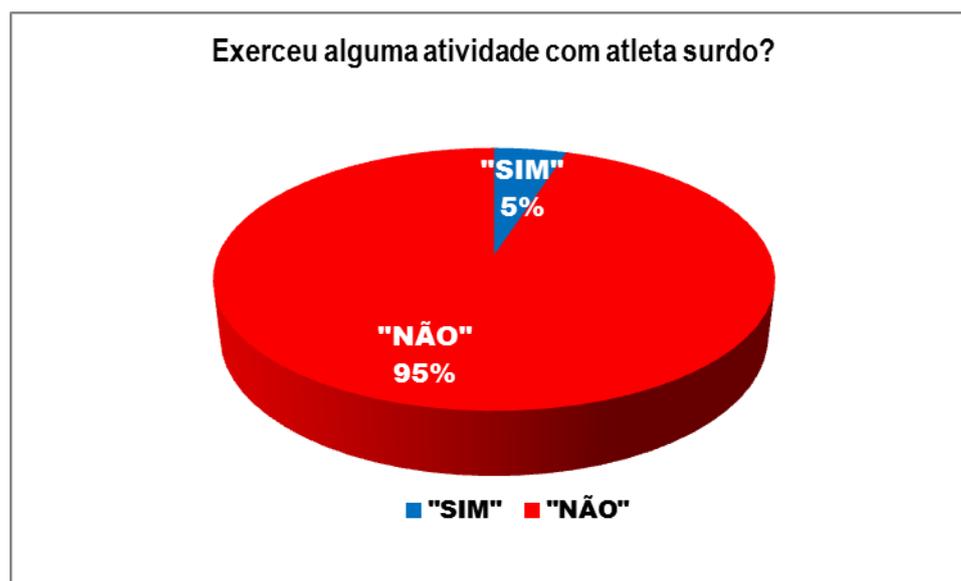
As repostas sempre serão plurais, desde que, o certo é que situações históricas tal como a LIBRAS só ser reconhecida no Brasil por lei nº 10.436 em 2002 e se tornado disciplina por decreto nº 5.626 em 2005, demonstram que tal atraso e despreparo é devido a falta de conhecimento do professor de Educação Física em LIBRAS e nuances do sujeito surdo. E isso, acarreta graves consequências para formação educacional e desenvolvimento esportivo do aluno surdo que poderia ser disposto a ser um surdoatleta, tanto no âmbito do mesmo se sentir excluído como no seu desenvolvimento psíquico e físico.

Considerando que, na comunicação e na interação com o meio, a visão tem para as pessoas surdas à mesma importância que a audição tem para as pessoas ouvintes pode-se presumir que, se a comunicação fosse

imprópria, poderia haver conseqüências para o desenvolvimento intelectual, da linguagem, das atitudes emocionais, das relações sociais e também para aprendizagem motora. De acordo com Sacks, na falta da audição, a visão e o tato acabam suprindo e organizando algumas informações, tais como tempo, espaço e outras percepções sensoriais. Porém devido à sobrecarga visual, o surdo possui o que é denominado de atenção dividida ou segmentada, o que lhes permite dar atenção às informações uma de cada vez. (PASETTO et al.,2006, p.290)

Na pergunta número 3: Exerceu alguma atividade com atleta surdo? (GRÁFICO 3), aponta que apenas 5% dos entrevistados afirmaram já ter realizado algum tipo de atividade com aluno surdo. Tal fato pode explicar o resultado da pergunta 1- Sabe o que é a FDSERJ e o trabalho que exerce? (GRÁFICO 4), onde aponta que a maioria dos professores de Educação Física entrevistados não conhecem sobre a FDSERJ, por não terem sido incentivados a trabalhar durante a trajetória acadêmica sobre a temática do indivíduo surdo ou até mesmo por não terem interesse pessoal por tal campo de estudo.

Gráfico -3: Resultado da pergunta 3.



Fonte: O autor, 2019.

Entretanto, tais circunstâncias quaisquer que forem acabam acarretando a esse professor de Educação Física o não conhecimento do meio propício, que é a FDSERJ, como local apropriado por ser uma comunidade surda, onde se desenvolverão os futuros atletas surdos, o que é de suma importância para tais profissionais de ensino como possibilidade de atender a essa demanda, o que se refletiu na pergunta 1- Sabe o que é a FDSERJ e o trabalho que exerce? (GRÁFICO

4). Alves ressalta que:

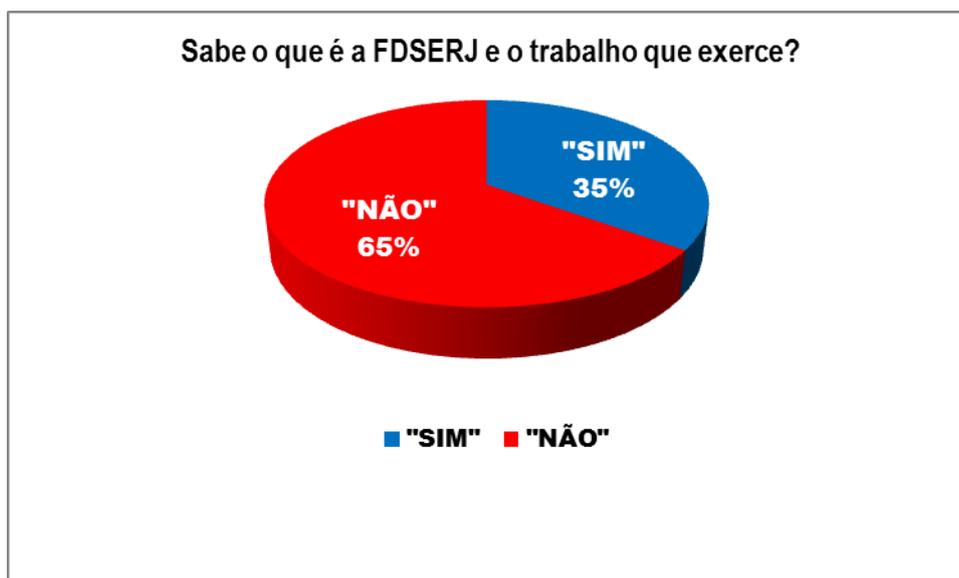
Desse modo, é necessário que o professor, na sua ação pedagógica, esteja sempre atento a estas questões, percebendo as limitações de cada aluno, e assim desenvolva vivências corporais diversificadas que sejam prazerosas e estimuladoras, possibilitando oportunidade da interação, integração e socialização entre todos, pensando sempre em atender às individualidades dos educandos para que não haja a exclusão. (ALVES et. al, p. 70, 2014)

É certo, que os 95% dos professores entrevistados que responderam não, desconhecem o surdo e a LIBRAS, sendo essencial o aprendizado da LIBRAS por esses professores de Educação Física que já atuam na área, para que se obtenha verdadeiramente, uma Educação Física bilíngue ao desporto com acessibilidade para futuros e novos atletas surdos da FDSERJ. Com tal porcentagem apresentada, percebesse o quão difícil ainda é a integração e socialização bilíngue entre o indivíduo surdo e o corpo docente ouvinte no meio estudantil e acadêmico.

O professor de Educação Física Gervasio (2018), deixa claro na sua pesquisa que docente de Educação Física que almejar trabalhar com aluno surdo nos processos educacionais desportivos precisará, fundamentalmente, ter o conhecimento, a capacitação ou a formação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como também, dos valores culturais que permeiam essa comunidade e, que se refletem no resultado da pergunta 1: Sabe o que é a FDSERJ e o trabalho que exerce? (GRÁFICO 4). Gervasio cita que:

Nesse contexto, a constituição de uma Educação Física bilíngue para o aluno surdo já se tornou uma exigência nas escolas em todo o Brasil, seja por uma ordem legal, por conta das políticas públicas, ou mesmo por uma pressão cada vez mais organizada da comunidade surda que vem exigindo seus direitos para implementar com veracidade a política bilíngue. (p.26)

Gráfico 4 - Resultado da pergunta 1.



Fonte: O autor, 2019.

Fato preocupante que se observar na pergunta 1: Sabe o que é a FDSERJ e o trabalho que exerce? (GRÁFICO 4) é que apenas 35% dos professores entrevistados conhecem a respeito sobre a FDSERJ, o que torna surpreendente, pois os entrevistados são profissionais de Educação Física e, isso demonstra o desconhecimento sobre a inserção dos indivíduos surdos nas atividades desportivas da própria Federação, o que pelo dado apresentado apenas 35% que afirmaram saber qual o trabalho da FDSERJ, mas, que deixa a impressão de resposta movida por sentimento de não aceitabilidade do próprio desconhecimento, o que é comum. Pupim et al (2016), cita que:

O professor de educação física, a todo momento deve estar observando atentamente, se há dificuldades para os alunos surdos, para que sempre entenda e seja entendido pelos seus alunos. A proposta curricular utilizada pela escola e pelo professor, deve ser igual para todos os alunos, porém lembrando que possa haver algumas dificuldades as quais exigirão algumas alterações de acordo com as condições necessárias para cada aluno. A educação escolar deve propiciar aos indivíduos o desenvolvimento cognitivo, social, psicológico, afetivo, enfim, deve prepará-los para atuarem de forma plena na sociedade. (p.34-53)

Sendo assim, com os dados levantados é percebido a necessidade de inserção de surdos na prática da Educação Física para gerar futuros surdoatletas da FDSERJ, e, não tratá-los como indivíduos banais em um ambiente corriqueiro a modelo do ouvinte, pois os mesmos possuem culturas, costumes e uma identidade própria. E com isso, os mesmos têm direitos, pelo fato de possuírem especificações linguísticas próprias na maneira de se comportar ao mundo, e tanto, possuem também

formas metodológicas e treinos para alcançarem a posição de surdoatleta. Perlin (2014) cita que:

E, então, que isto de pertencimento ao povo surdo leva a constituir uma política conjunta de luta por valores. Povo, por si mesmo, sempre é um movimento, algo que se firma, que não para, que evidencia suas lutas, seus direitos, suas estratégias. E a história vai-se constituindo em meio a este “que fazer”. Vai surgindo uma condição histórica dentro do espaço dos surdos. Vai-se fazendo em direção ao movimento interno de ser. (p.27)

Porém nos ambientes convencionais de ensino próprio de ouvintes de acordo com a pesquisa de Silva et al. (2015, p.9), os professores de Educação Física não receberam treinamentos para serem capacitados a ministrar aulas de Educação Física para alunos surdos. E isso, acarreta até hoje, que aluno surdo acabe ficando frustrado por não compreender o que está sendo transmitido, muito menos almejará ser um surdoatleta para uma futura adentrada na Surdolimpiada, pois a Educação Física não passara de uma ilusão de ótica, para um sujeito que vê o mundo pelo olhar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do levantamento das informações, se pode concluir que muitos danos foram causados no sujeito surdo desde o campo escolar, linguístico, cognitivo e social. E isso, poderia ser evitado se houvesse maior interesse do profissional de Educação Física durante sua formação para este campo específico de pesquisa. Tais prejuízos sofridos pelo surdo durante o processo de ensino-aprendizagem só evidenciam a importância do professor de Educação Física como profissional em ser capacitado em LIBRAS. Para o professor de Educação Física Alan da Costa Gervasio a Educação Física deve objetivar ao surdoatleta pelo reconhecimento e apoio a FDSERJ qualidade de vida. Ele cita:

As barreiras comunicacionais ainda enfrentadas pelos surdos para estabelecer uma Educação Física bilíngue, longe do referencial da comunidade surda, evoca a necessidade de se cumprir uma legislação em promover o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Tal dever é cabido aos pais ouvintes que tem filhos surdos; tradutores e interpretes da LIBRAS; professores; amigos e simpatizantes pela causa, sobre a importância dos surdos em congregarem-se nas suas comunidades linguísticas tais como: associações, grupos, instituições educacionais, federações, instituições religiosas e demais órgãos, para serem gestores de uma dimensão sociointeracionista, em que possibilitem pelo uso da língua de sinais, as várias atividades socioculturais dos mesmos dentro do esporte, que objetiva exclusivamente a qualidade de vida para esse cidadão. (2018, p.27)

A Educação Física como disciplina tem caráter motivador e criativo, principalmente na criança surda usuária de LIBRAS, contribuindo para torná-la mais ativa e interessada em aprender com mais facilidade o desporto. O esporte gera um jogo de motivação interna e externa para o desenvolvimento completo do ser humano biofisiológico⁹. Assim, profissional de Educação Física que almejar trabalhar com indivíduos Surdos, deverão impreterivelmente obter conhecimento sobre a cultura, hábitos, costumes e é claro sobre a LIBRAS, visto que só participando do meio do indivíduo que podemos proporcionar melhores condições no convívio, e assim podendo desenvolver um ser humano integrado no âmbito em que vive. O movimento de educação inclusive já apregoava tais veridades, fato esse, que o movimento de educação bilingue surdo infere incisivamente sobre sua comunidade no âmbito da valorização. Oliveira (2002) dispõe sobre tal tema:

Em relação a inclusão, debater a educação inclusiva é hoje um fenômeno que requer posicionamento ideológico, em especial por, se tratar de uma ideologia importada de países desenvolvidos, que representa um alinhamento ao modismo, pois não se tem lastro histórico na realidade brasileira que a sustente; não se pode negar que na perspectiva filosófica a inclusão é uma questão de valor, ou seja, é um imperativo moral, e nem questioná-la dentro da ética vigente nas sociedades ditas democráticas, onde não se pode descartar que a adoção de diretrizes baseadas na educação inclusiva pode ser a única estratégia política com potencial para garantir o avanço necessário na Educação Especial brasileira. (p.2)

Diante das informações obtidas, afirma-se que os resultados esperados pelo levantamento dos dados foram atingidos, em relatar a dificuldade que o indivíduo surdo possui em desenvolver uma atividade física tanto no ambiente de escolar quanto na prática do desporto em si, uma vez que os profissionais de Educação Física não estão preparados para orientar um possível surdoatleta, pelo fato de mesmos não terem domínio da LIBRAS nem conhecimento extracurricular da própria Federação Desportiva de Surdo do Estado do Rio de Janeiro (FDSEJ) que representa essa comunidade e que tem atribuições em promover os desportos voltados para os surdos. Strobel (2009) deixa a seguinte reflexão sobre a representatividade da comunidade surda:

As comunidades surdas no Brasil têm uma história longa. O povo surdo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações das comunidades surdas, que podem ser associação de surdos, federações de surdos, confederações e outros. Associação iniciou diante de uma necessidade de povos surdos terem um espaço ao se unirem e resistirem contra as práticas ouvintistas que não respeitavam a cultura deles. No início as

⁹ Palavra composta por duas palavras: "bios" que é vida em latim e "fisiológico" referente às funções orgânicas. Dessa forma, a nomenclatura adotada, o suporte, trata-se da parte orgânica do sujeito. Disponível em: < <https://www.dicionarioinformal.com.br/biofisiol%C3%B3gico/>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

associações de surdos tinham exclusivamente o objetivo de natureza social devido ao baixo padrão de vida no século XVIII, os sujeitos surdos tinham a finalidade de ajudar uns aos outros em caso de doença, morte e desemprego e, além disso, as associações se propunham a fornecer informações e incentivos através de conferências e entretenimentos relevantes. (p.42)

Por fim, este presente estudo busca despertar a reflexão dos educadores a respeito do ensino inclusivo bilíngue para o aluno surdo, da importância de se conhecer a cultura, a LIBRAS, a identidade, a comunidade e os costumes da comunidade surda, no intuito promover o a relevância da FDSERJ para a promoção ao desporto do aluno surdo e gerar futuras gerações de surdoatletas para a Federação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tássia P.;SALES, Zenilda, N.; MOREIRA, Ramon M.;DUARTE, Leonardo C.; SOUZA, Riane M.M.Representações de alunos surdos sobre a inclusão nas aulas de educação física. **Revista Educação Especial** | v. 27 | n. 48 | p. 65-78 | jan./abr. 2014. Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em 20 out. 2018.

ALPENDRE, E. V. **Concepções sobre Surdez e Linguagem e o Aprendizado de Leitura**. Proposta de Material Didático: Caderno Pedagógico. 2008

APADASC. Apada Porto União Santa Catarina. Símbolo Internancional da Surdez. Disponível em:<<http://www.apadaf.com.br/links-uteis>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BARBOSA, A.A, S. **Bilinguismo ea Educação de Surdos / Amanda de Almeida Soares Barbosa**. UNIVESP São Paulo, 2011.

BERGAMO, A. **Cultura e identidade surdas? encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Trabalho de Doutorado em Sociologia e Antropologia da Universidade Estadual Paulista, 2005.

BRASIL. Lei da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível

em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 15 abr. 2019.

_____. Decreto da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nº 5.626 de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 11 abr. 2019.

_____. Lei do tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nº 12.319 de _____ 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm>. Acesso em: 11 abr. 2019.

_____. Símbolo acessível em LIBRAS/set/2013. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/marca/libras/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

CARVALHO, C.H.; MORAIS J.L.C. **Os que ouvem mais que nós**/Luis Carlos de Moraes Junior, Carlos Hilton Cruz Carvalho, 1.ed.- Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2013.

CARMO, G. L. C. **LIBRAS Língua Brasileira de Sinais**. Apostila de Libras - UNIFAP

CASAROTTO, V.J.; ROSA, C.L.L. da; MAZZOCATO, A.P.F. Educação física e o aluno surdo. Disponível em:<<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2012/Educacao%20e%20desenvolvimento%20humano/artigo/educacao%20fisica%20e%20o%20aluno%20surdo%20.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

CBDS. Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS). Disponível em:<<http://cbds.org.br/institucional/historia/>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

COSTA, K.S.F. A impotência da formação em libras do(a) professor(a) ouvinte na educação bilíngue d aluno surdo e metodologias para o ensino de LIBRAS e de português escrito nos anos iniciais do ensino fundamental. O texto publicado foi encaminhado por um usuário do Brasil Escola, através do canal colaborativo Meu Artigo. Disponível em:<<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-formacao-libras-do-professor-ouvinte-na-educacao-bilingue-aluno->

surdo.htm>. Acesso em: 23 jun.2019.

DIZEU, L. C. T. B. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**. Trabalho de Mestrado em Linguística pela UFAL.

FDSEJ. Blog da Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSEJ). Disponível em:<<http://fdsej.blogspot.com/>>.Acesso:15 mar. 2019.

FDSEJ. Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSEJ). Disponível em:<<http://cbds.org.br/institucional/filiadas/fdsej-2/>>.Acesso:15 mar. 2019.

GERVASIO, A.C. **Educação Física e Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS: currículo e acessibilidade bilíngue do surdo ao desporto**. Trabalho de conclusão do curso de Educação Física das Faculdades São José, 2018.

GESEER, Audrei. **LIBRAS?: Que língua é essa?. Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda/** AudreiGesser – São Paulo : Parábola Editorial, 2009.

HONORA, Marcia e Frizanco Mary. **Esclarecendo as deficiências: aspectos teóricos e práticos para contribuição com uma sociedade inclusiva/Marcia Honora, Mary Lopes Esteves Esteves Frizanco**. – São Paulo, SP: Ciranda Cultura Editora e Distribuidora Ltda., 2008.

KRUG, Hugo N.A inclusão de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais na educação física escolar. **Revista do Centro de Educação**. Cadernos: nº 19 – edição, 2002.

LIMA, M.P.V.M. e CONCEIÇÃO, J.L. **A importância da cultura e identidade surda na formação bilingue no ensino regular**. Espaço Educativo, Currículo e Formação Docente (Saberes e Práticas) Faculdade Pio Décimo, 2015.

OBSEVATORIO DO ESPORTE.Surdolimpíadas do Brasil 2019. Disponível em:<<http://observatoriodoesporte.mg.gov.br/eventos/surdolimpiadas-do-brasil-2019/>>. Acesso em: 23 jun 2019.

OLIVEIRA, F. F. Dialogando Sobre Educação, Educação Física e Inclusão Escolar. Revista Digital - Buenos Aires - Año 8 - N° 51 - Agosto de 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd51/educa1.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

ONU. Organizações das Nações Unidas – ONU. Novo símbolo de acessibilidade: você conhece? Disponível em:< <http://reflexaosobrerodas.com.br/2017/09/novo-simbolo-de-acessibilidade-voce-conhece/>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

PASETTO Silmara C., ARAÚJO, PAULO F., CORRÊA, Umberto C. Efeitos de dicas visuais na aprendizagem do nado crawl para alunos surdos. Rev. Port. Cien. Desp. v.6 n.3 Porto out. 2006. Disponível em:< <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpcd/v6n3/v6n3a04.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

PEREIRA, R. Diversidade funcional: a diferença e o histórico modelo de homem-padrão. **História, ciências, saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.3, jul.-set. 2009, p.715-728.

PERLIN, Gladis, STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: Desafio contemporâneo. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/03.pdf>>. Acesso: 03 nov. 2018.

PIRES, D.F.V. G. **A capacitação de professores para trabalhar com crianças surdas**. 2005. 55f. (Trabalho de Conclusão de Curso) CENTRO UNIVERSITARIO DE BRASILIA, 2005.

PUPIM, N.L.G.; CANUTO T.S.; SANTOS, P.S.; STUR, F.R. A educação física escolar e os alunos surdos. **Revista Acta Brasileira do Movimento Humano** – Vol.6, n.2., p.34-53 – Abril/Junho, 2016 – ISSN 2238-2259.

ROCHA, S.M. da. **Memória e história: A indagação de Esmeralda/ Solange Rocha**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2010.

SÁ, N.R.L. **Cultura Poder e Educação de Surdos/Nídia Regina Limeira de Sá** – São

Paulo: Paulinas, 2006 – (Coleção Pedagogia e Educação).

SACKS, O.W. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos; tradução Laura Teixeira Motta – São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

SANDER, R.E. **História da educação dos surdos no Brasil**. Seminário de Pesquisa do PPE – UTFPR, dezembro 2015.

SCHLUNZEN, E.T.M., BENEDETTO, L.S.D. e SANTOS, D.A.N. **História das pessoas surdas: Da exclusão a política educacional brasileira atual**. Conteúdos e Didáticas de LIBRAS, UNESP, 2012.

SILVA, C.D.B; SOBRINHO, F.C.; ARAÚJO, C.L.S.; FARO, R.A.O; GLIM, R.R.O ensino de línguas para alunos surdos em escolas do Pará e sergipe. 2015. Disponível em:< <https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/o-ensino-de-linguas-para-alunos-surdos-em-escolas-do-para-e-sergipe?lang=pt-br>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

SILVA, Carine Mendes da; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola? In: Psicologia Escolar e Educaional. V.20, n.1, 2016 Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n1/2175-3539-pee-20-01-00033.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

SKILIAR, Carlos. Abordagem sócio-antropológica em educação especial. In:(org.) **Educação e exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre, Mediação, 1998a. pp.7-49.

VEIGA, L.D. **Aquisição de Linguagem por Crianças Surdas Por Meio de Histórias Interativas**: Objeto Didático Concreto. Relatório Anual de Bolsa PIBIC/CNPq, 2005/2006.

VELOSO, Éden e Maia, Valdeci. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez**. Editora Mãos Sinais. PR, 2009.

STROBEL, Karin. História da educação de surdos. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade à distância. Florianópolis, 2009. Disponível em:

<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf>.
Acesso em: 23 jun. 2019.

STRAPASSON, A. M., CARNIEL, F. A Educação física na educação especial.
Disponível em: <
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/EdF_Ed_Especial.pdf / >. Acesso em: 10 mai. 2019.



FACULDADES
SÃO JOSÉ

DISCIPLINA – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

FICHA PARA ACOMPANHAMENTO DE ORIENTANDOS – 2019

ALUNO: Leonora Lessa de Lima CURSO: Educação Física
 PERÍODO: 7º PROFESSOR ORIENTADOR: Carlos Hilton

DATA	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	ATIVIDADE PARA PRÓXIMA ORIENTAÇÃO	ASSINATURA DO ALUNO	ASSINATURA DO PROFESSOR
13 março 2019	Apresentação da introdução, justificativa e relevância	Apresentação da Hipótese/suposição e descrição detalhada da metodologia.		
20 março 2019	Apresentação da Hipótese/suposição e descrição detalhada da metodologia	Estruturação de questionário para professores Ed. Física e atletas Surdos		
19 abril 2019	Estruturação de questionário para professores Ed. Física e atletas Surdos	Elaboração dos testes de desempenho		
10 maio 2019	Elaboração dos testes de desempenho	Estruturação do desempenho e correção do teste.		

22 maio 2019	Estruturação do desempenho e correção do teste	Elaboração e correção dos testes finais		
25 maio 2019	Elaboração e correção dos testes finais			

